

O Vale do Córrego do Leitão em Belo Horizonte: Contribuições da cartografia para a compreensão da sua ocupação

Alessandro Borsagli
PUC-MG
borsagli@yahoo.com.br

RESUMO

Ao se escolher o arraial de Belo Horizonte para sede da nova capital de Minas Gerais, a Comissão Construtora da Nova Capital realizou no ano de 1894 diversos estudos no arraial com o objetivo de confeccionar a planta da nova capital. O artigo pretende mostrar a importância da cartografia produzida pela CCNC para fins de desapropriação do arraial e de diversas Fazendas pertencentes à Freguesia. Para tal foi confeccionada uma extensa cartografia de caráter administrativo e jurídico. Duas das Fazendas desapropriadas abrangiam grande parte das cabeceiras do Córrego do Leitão, objeto desse estudo. Essa cartografia permite compreender a extensão de terras que eram ocupadas antes da sistemática ocupação do Vale nas décadas seguintes. Para se entender a dinâmica do processo de ocupação do Vale analisaram-se além da cartografia produzida pela CCNC, plantas cadastrais da Prefeitura de Belo Horizonte em diversos épocas além de imagens aéreas e fotografias. Analisando as plantas cadastrais pode-se dividir em três períodos a ocupação do vale; o primeiro entre 1899 e 1920, o segundo de 1930 ao final dos anos 1960 e o terceiro período a partir de 1970 até os dias atuais. A mudança espacial verificada atualmente no Vale é, portanto, originária desse processo.

PALAVRAS CHAVE: Cartografia, Planta Cadastral, Córrego do Leitão, Espaço Urbano.

ABSTRACT

When choosing the Belo Horizonte's village for the new capital from Minas Gerais, at 1894 CCNC took several studies to making the plant the new capital. The article intend to show the importance producing maps by the CCNC for camp and farms expropriation. For such was made a full map of the administrative and legal. Two farms expropriated covered much of the headwaters from Leitão's stream, the object of this study. This cartography enables to understand lands extent that were occupied before occupation systematic of the Valley in coming decades. To understand the dynamics of occupation of the valley looked beyond the maps produced by the CCNC, cadastral plans from the Municipality Belo Horizonte in several times as well as images and aerial photographs. Analysing cadastral plans can be divided into three periods the occupation of the valley, the first between 1899 and 1920, the second from 1930 to late 1960 and the third period from 1970 to the present day. The spatial change is seen today in the Valley, therefore, originate in this process.

KEYWORDS: Cartography, Cadastral Plant, Leitão's Stream, Urban Space.

I - INTRODUÇÃO

O Córrego do Leitão tem as suas nascentes disseminadas por um amplo anfiteatro atualmente localizado na região sul de Belo Horizonte. Esse curso d'água, juntamente com os Córregos da Serra e o Acaba Mundo são os três principais cursos d'água que atravessam a área central de Belo Horizonte. Atualmente os seus cursos d'água correm em canais revestidos sob diversas ruas e avenidas sendo praticamente impossível identificar o seu traçado atual, visto que a sua calha original não existe mais devido à retificação do seu curso. Nesse artigo abordaremos a ocupação do Vale do Leitão ao longo das décadas, desde o início da construção da nova capital até os dias atuais. Para se compreender o processo de ocupação do vale se fez necessária a análise das Plantas confeccionadas pela Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC) tanto para fins administrativos como para a desapropriação das Fazendas que circundavam o antigo arraial do Curral Del Rey. Para isso foi feita a análise das Plantas das Fazendas do Leitão e do Capão, já que suas terras estavam totalmente inseridas no vale do Leitão.

A análise dessas, juntamente com outras confeccionadas ao longo das décadas permite compreender e analisar as mudanças espaciais sofridas no vale ao longo dos tempos, no que diz respeito ao processo de ocupação. De acordo com (CORRÊA, 2000, p.26) “o espaço urbano é um reflexo tanto de ações que se realizam no presente como também daquelas que se realizaram no passado e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais do presente”.

Nas marcas deixadas na paisagem, se comparado com outras partes da capital, percebe-se claramente que a ocupação do vale se deu sistematicamente a partir da década de 1920 e aumentou a partir da década de 1970 quando a verticalização, a qual já havia extrapolado a área central de Belo Horizonte nas direções sul e leste atinge as partes mais altas do vale, já na zona suburbana. E como se deu essa transformação do espaço ao longo dos tempos? É o que se verá a partir de agora.

II - O MAPEAMENTO CADASTRAL DO ARRAIAL DE BELO HORIZONTE

Com a escolha do Arraial de Belo Horizonte, antigo Curral del Rey em Dezembro de 1893 para ser a sede da nova capital de Minas Gerais, foi formada em Ouro Preto a Comissão Construtora da Nova Capital que viria a ser chefiada pelo Engenheiro Aarão Reis. A Comissão se instalou no arraial no dia 1º de Março de 1894 e imediatamente iniciaram-se os trabalhos de mapeamento e levantamento de toda a Freguesia do Arraial.

O mapeamento, realizado para fins de desapropriação de grande parte da Freguesia, foi realizado durante todo o ano de 1894 e era inédito em todo o território mineiro. Com exceção de algumas plantas

isoladas datadas dos Séculos XVII e XIX não existia até essa data nenhum mapeamento sistemático de um núcleo urbano mineiro¹.

Para a realização de tais desapropriações foi confeccionada uma extensa cartografia de caráter administrativo e jurídico. Nela figuram todas as ruas, becos e estradas de acesso ao arraial, assim como os terrenos, casas, fabricas e fazendas que existiram em todo o distrito. E ao mesmo tempo em que esse levantamento era realizado, preparava-se as condições necessárias para a desapropriação de todo o arraial e suas adjacências, medida inevitável para se iniciar a construção o mais rápido possível. Após o término do mesmo, realizado pela CCNC foram confeccionadas diversas Plantas, como das propriedades a serem desapropriadas, tais como casas comerciais e residenciais, fabricas, fazendas até as Geodésicas (Figura 01) e Topográficas, nas quais se figuravam o traçado proposto para a nova capital. Baseada nessa Planta foi confeccionada a Planta Geral da Cidade de Minas, apresentada em 1895.

Segundo essa Planta, a nova capital teria três zonas com funções bem definidas:

A zona urbana, planejada e racional com as ruas se interagindo com as avenidas formando ângulos de 45º, ao contrario das cidades surgidas no período colonial, que seguiam os traçados dos primeiros caminhos abertos, geralmente em ziguezague. A zona urbana seria um espaço organizado geometricamente, hierarquizado e com funções sociais e administrativas bem definidas. A zona suburbana que circundaria a zona urbana, maior e com os quarteirões irregulares. As ruas foram traçadas de acordo com a topografia, destacando-se da zona urbana. E, por fim, a zona destinada aos sítios que abasteceriam a capital de todo o tipo de variedade de produtos.

Sendo assim, conforme planejado por Aarão Reis, ao mesmo tempo em que se construía a nova capital, o antigo Curral del Rey, foi lentamente destruído para a construção da Capital mineira.

¹ GOMES, M.C.A. *O mapeamento cadastral do Curral Del Rei*. 2009, p.3

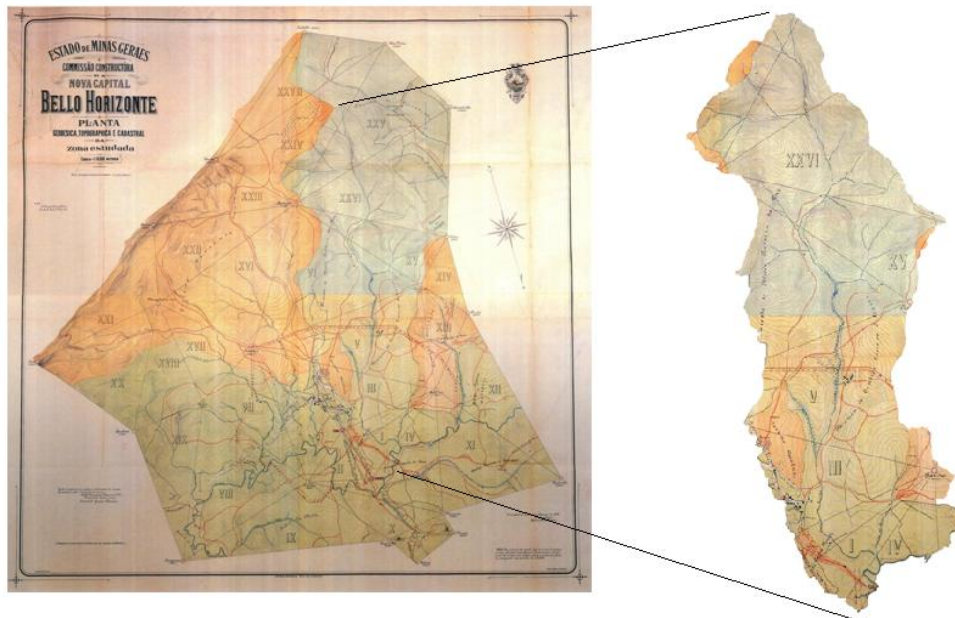


Figura 01 - Planta Geodésica do arraial de Belo Horizonte e em destaque o Vale do Córrego do Leitão. Escala 1:10000.1895. Fonte: PANORAMA, 1997.

As plantas confeccionadas pela CCNC permitem perceber como era a ocupação do Vale do Córrego do Leitão no final do Século XIX. Analisando a Planta Geodésica, Topográfica e Cadastral (Figura 01) concluída em 1895 pode-se verificar que as terras que abrangiam as cabeceiras do Córrego pertenciam as Fazendas do Leitão e do Capão. Portanto, verifica-se que a ocupação no vale nesse período se restringia as sedes das Fazendas e suas benfeitorias, desde as suas nascentes até nas proximidades da confluência do Córrego do Mendonça². As terras situadas à direita do córrego eram mais acidentadas, fato que se observa até os dias atuais, mesmo com as mudanças sofridas na paisagem ao longo dos anos. Abaixo da confluência desses dois cursos d'água encontrava-se assentado nas áreas mais altas de sua vertente, na margem direita, parte do núcleo urbano do arraial, correspondente a Rua da Boa Vista (que se localizava nas proximidades da Praça da Liberdade), e as ruas e becos que existiram nas proximidades do Largo do Rosário (que se localizava na confluência da Avenida Álvares Cabral e Ruas Timbiras e Espírito Santo). Desse ponto até a foz do Córrego no Ribeirão Arrudas, nas proximidades da antiga Ponte do Saco, a ocupação se restringia a umas poucas casas, espalhadas ao longo da sua margem direita, na primitiva estrada para Venda Nova.

² O Córrego do Mendonça, atualmente canalizado tem a sua nascente localizada na encosta em parte ocupada pelo Morro do Papagaio na Rua Viçosa. Atualmente o seu curso d'água segue pelas ruas Viçosa, Benvinda de Carvalho, Levindo Lopes, Felipe dos Santos, Rio de Janeiro e Alvarenga Peixoto, indo desaguar no Leitão no cruzamento desta rua com a Rua São Paulo.

Alem das já citadas Plantas Cadastrais do núcleo urbano do arraial foram também confeccionadas Plantas relativas às Fazendas que circundavam o arraial com a finalidade de se desapropriar suas terras. Essas foram anexadas aos processos de tombamentos. Nesse estudo, analisar-se-á as Plantas referentes às cabeceiras e a uma parte do Vale do Córrego do Leitão. Essas se referem às Fazendas do Leitão, sendo propriedade de Candido Lucio da Silveira e a Fazenda Capão, de propriedade de Ilídio Ferreira da Luz³. Essas, por sua vez, revelam uma paisagem completamente rural. Confeccionadas na Escala de 1:10000 elas apresentam inúmeros detalhes como benfeitorias, plantações, olarias etc. No caso da Fazenda Capão, localizando-se à margem direita do Córrego podemos identificar as áreas em que se plantava Cana de Açúcar e roças além de engenhos, olarias e cafezais que existiram na vertente do Córrego aonde hoje se encontra o bairro Santo Antônio, mais precisamente nas proximidades da Rua Paulo Afonso. Já a Fazenda do Leitão abrangia grande parte da margem esquerda do Córrego e uma parte da sua margem direita, nos terrenos correspondentes ao bairro de Lourdes. Em suas terras cultivava-se a Cana de Açúcar, a mandioca e o café, além dos moinhos e engenhos⁴, presentes em quase todas as propriedades rurais do Estado nesse período. Nas duas Plantas está sinalizada a casa-sede das Fazendas. (Figura 02)

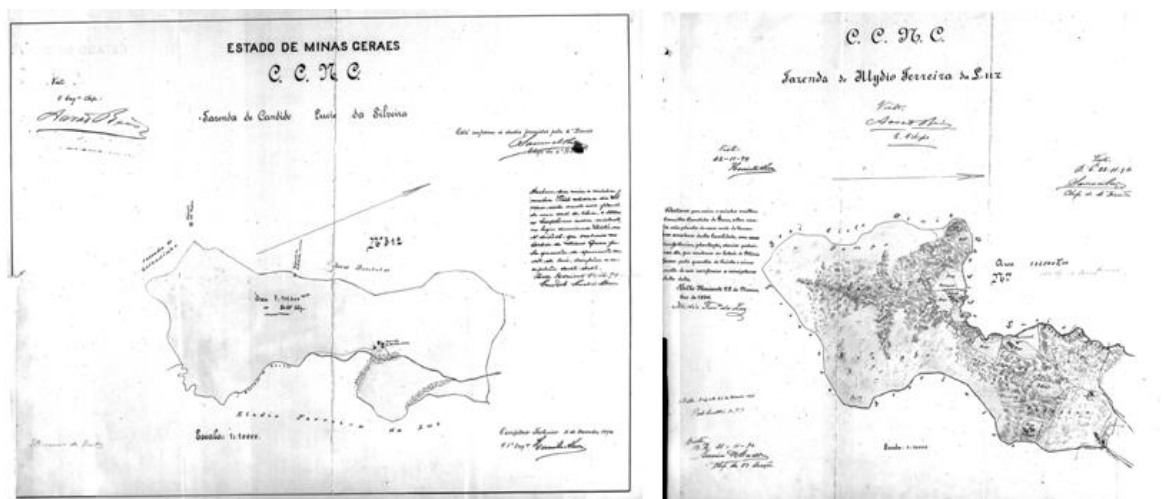


Figura 02 - Planta das Fazendas do Leitão e Capão que abrangiam grande parte das terras situadas no vale. Escala 1:10000.1894. Fonte: APCBH acervo CCNC.

³ A Fazenda do Cercadinho, de propriedade de José Cleto da Silva Diniz fazia divisa com as Fazendas do Leitão e do Capão, porém as suas terras não abrangiam as cabeceiras do Córrego do Leitão. Na Planta da nova capital a Fazenda ficou inserida na área destinada aos Sítios que garantiriam o abastecimento da capital sendo então desapropriada pelo governo. Posteriormente a Fazenda do Cercadinho passou a abastecer a capital também de água, sendo responsável pelo abastecimento do reservatório do mesmo nome na Rua Carangola durante décadas.

⁴ Informações fornecidas pelo Engenheiro Flavio Edenlar Pereira da Silva, bisneto de Cândido Lucio da Silveira que foi o proprietário da Fazenda do Leitão.

As Fazendas desapropriadas renderam aos seus proprietários lotes na nova capital. As desapropriações foram necessárias, pois grande parte de suas terras estavam sendo cortadas pela rede de triangulação que estabeleceu os limites da nova capital. Podem-se citar como exemplo as Fazendas acima analisadas (Figura 02), que tiveram a quase totalidade de suas terras inseridas nas zonas urbana e suburbana da nova capital.

As Plantas analisadas são de extrema importância para se compreender como se deu a dinâmica da ocupação do vale. Elas revelam uma paisagem inserida nos moldes rurais, mesmo estando a poucos quilômetros do núcleo urbano do arraial. Mesmo nos primeiros anos da Cidade de Minas as cabeceiras do córrego permaneceram praticamente desocupadas, com exceção de algumas famílias de colonos que ocuparam uma parte da vertente direita do Córrego quando da instalação da Colônia Agrícola Afonso Pena. Era o espaço rural que persistia em sobreviver na nova capital mesmo que oficialmente as suas terras já eram consideradas urbanas.

Já nas áreas mais próximas da foz do Leitão existiu entre o final do Século XIX e o início do Século XX uma aglomeração ao longo do Córrego, desde a foz do Ribeirão Arrudas até a atual Avenida Bias Fortes. Esse aglomerado foi construído e permitido pela CCNC para abrigar os operários responsáveis pela construção da nova capital. Contudo, após a inauguração da Cidade de Minas, iniciou-se um processo para a retirada deles da área urbana planejada sendo os mesmos assentados no Barro Preto, permanecendo aí por vários anos.

III - A PERSISTÊNCIA DO RURAL NO VALE

Nos estudos para o uso dos mananciais disponíveis, o Córrego do Leitão foi logo descartado, como afirma (BARRETO, 1996, v.2 p.167) “o Córrego do Leitão, de pouco volume, baixo e com as nascentes disseminadas por um amplo anfiteatro de propriedade particular, não era o que mais enquadrava ao plano do abastecimento inaugural”. Devido a amplitude de suas cabeceiras ramificadas em três nascentes principais a captação de água do Córrego seria muito dispendiosa e não compensava o investimento por parte da CCNC, já que a captação dos córregos da Serra e do Cercadinho seria mais vantajosa e menos dispendiosa. Deve-se lembrar também que já nos primeiros anos da nova capital se fez necessária a captação de outros cursos d’água mais afastados da área urbana devido ao constante aumento da demanda por água potável⁵. No entanto, como era inviável o aproveitamento das águas do Leitão para o abastecimento, tornou-se então necessário definir uma função para as terras desapropriadas e destinadas a serem ocupadas

⁵ Saneamento Básico de Belo Horizonte. FJP, p.84

por parte da zona suburbana, porém, a parte do vale que se encontrava dentro da zona urbana estava ocupada, desde a foz do Córrego no Ribeirão Arrudas até as proximidades da atual avenida Bias Fortes por cafuas de operários.

Inicialmente, se construiu nas terras da recém desapropriada Fazenda do Leitão um campo prático agrícola que durou de 1895 a 1897. Esse campo fazia parte de um projeto da Secretaria de Agricultura, Comercio e Obras Publicas que visava modernizar e difundir novas técnicas no Estado. Posteriormente as terras e a antiga Fazenda foram incorporadas a colônia agrícola Afonso Pena fundada em Abril de 1899, uma das cinco colônias agrícolas criadas no entorno da capital visando o povoamento da zona suburbana, assim como o abastecimento de viveres da capital.

Os núcleos coloniais agrícolas foram criados com a finalidade de ocupar as terras suburbanas, pois a Cidade de Minas apresentava um grande vazio populacional nos primeiros anos de existência, como observa Le Ven:

(...) a fixação desses núcleos nos arredores da Capital indica mais a preocupação com a ocupação do que com o abastecimento. Afinal, era preciso habitar essa Região desértica, destinada a ser Capital e proteger a população de direito, bastante reticente, por um cinturão já conquistado e ocupado por pioneiros com necessidade de terra e de trabalho, como os imigrantes. (LE VEN, 1977, p.80).

E como afirma Tito Flavio Rodrigues de Aguiar em sua Tese *“Vastos Subúrbios da Nova Capital”*:

(...) essa primeira periferia da cidade, que muitos consideram como espaço não planejado ou, no limite, apenas pensado como destinado às camadas mais pobres da população da nova cidade, na verdade foi objeto de pelo menos dois planos com características extremamente distintas: o da zona suburbana, nos termos do plano da cidade elaborado por Aarão Reis, e o da zona colonial, de acordo com o plano das cinco colônias agrícolas traçado sob a direção do inspetor de Terras e Colonização, Carlos Prates. (AGUIAR, 2006, p.33)

Diante do exposto acima pode-se afirmar que o crescimento periferia-centro que marca o desenvolvimento urbano de Belo Horizonte teve em uma de suas origens nessa iniciativa do Governo, de estabelecer os núcleos agrícolas ao redor da capital visando o povoamento de uma vasta região. No caso do vale do Leitão na zona suburbana o desenvolvimento foi mais lento se compararmos com as outras colônias agrícolas que apresentaram um rápido crescimento, sendo posteriormente anexadas a zona suburbana poucos anos mais tarde.

Infelizmente não existe nenhuma planta ou documento contemporâneo a colônia Afonso Pena que apresente o desenvolvimento nas duas primeiras décadas do Século XX. Pelas Plantas confeccionadas a

partir de 1920 se verifica que grande parte das vertentes do Córrego ainda estavam despovoadas. Mas foi a partir dessa década que Belo Horizonte começou a receber cada vez mais pessoas que migravam de todas as partes do Estado visando à melhoria de condições de vida.

Deve-se lembrar que a capital deixou de ser, a partir dos anos 20 um centro exclusivamente administrativo para se tornar também um pólo comercial e industrial. E, diante do aumento da demanda populacional, as áreas reservadas para a futura expansão da zona urbana da capital começaram a ser loteadas e vendidas para a população de maior poder aquisitivo. Paralelamente a essa iniciativa do Poder Público, diversos proprietários de terras ao redor da capital, em particular a zona oeste, começam a loteá-las e vendê-las a população a preços módicos, criando assim diversas vilas e bairros e nordeando a expansão urbana de Belo Horizonte para oeste. Na região centro-sul, ao mesmo tempo em que ocorria essa expansão urbana, promovida pelo Poder Público, concluía-se a construção dos emissários de esgotos paralelamente ao Córrego, o qual teve o seu curso retificado e canalizado até o cruzamento da Rua Alvarenga Peixoto. (Figura 03).



Figura 03 - Imagem datada do final dos anos 20 na qual vemos o Córrego do Leitão recém canalizado na Rua São Paulo, entre as ruas Gonçalves Dias e Alvarenga Peixoto. Fonte: APM.

Como se pode ver na Planta Cadastral (Figura 04), datada de 1928 as áreas correspondentes ao Vale do Leitão estavam praticamente desocupadas, mesmo que diversas fotos da época atestem que ainda existia uma pequena ocupação, talvez um resquício das antigas cafuas que ai existiu. Já a porção do Córrego correspondente a zona suburbana ainda figurava como um espaço rural, ocupada por algumas casas e plantações, grande parte remanescente da antiga colônia agrícola Afonso Pena.

Uma característica das Plantas desse período é não se considerar as áreas ocupadas por Favelas ou habitações irregulares. As Plantas Cadastrais confeccionadas até a década de 1940 muitas áreas que aparecem nos mapas com praças e arruamentos, inclusive na zona urbana ainda estavam por construir e seus traçados não levavam em conta os aspectos físicos do local. Já as áreas ocupadas pelos aglomerados eram simplesmente ignoradas e posteriormente quando se começava a urbanização da região eles eram “empurrados” para mais longe⁶.

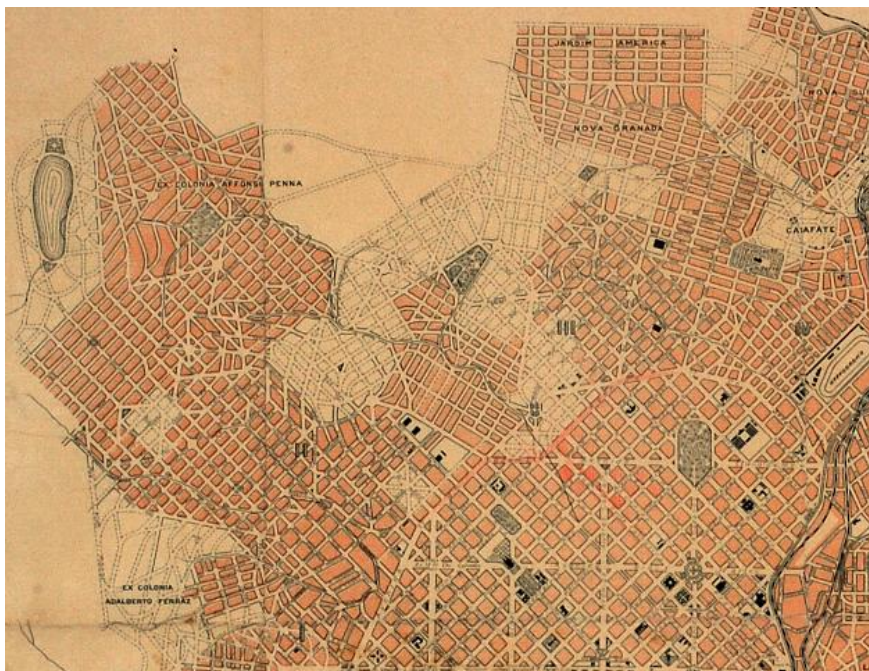


Figura 04 - Parte da Planta Cadastral de 1928 na qual se destacam as áreas correspondentes ao vale do Leitão. Escala 1:24000. Fonte: Acervo MHAB.

⁶ Foi dessa forma que se deu a ocupação do Morro do Papagaio, pois seus primeiros habitantes foram moradores expulsos de outras áreas que sofreram intervenções do poder público. A Favela da Alvorada que existiu no local da Avenida Prudente de Moraes foi uma das responsáveis pelo adensamento do Papagaio, quando da abertura da Avenida e a canalização do córrego do Leitão.

No início dos anos 1930 é de fato iniciada a ocupação das margens do Leitão, na área correspondente ao bairro de Lourdes. Acima da Avenida do Contorno, na zona suburbana grande parte da paisagem ainda continuava tipicamente rural, exceção feita a parte do bairro Santo Antonio. Somente a partir dos anos 1940 com a reforma da antiga sede da Fazenda do Leitão e a sua transformação em Museu Histórico de Belo horizonte é que se tem o início da ocupação da vertente esquerda do vale acima da Avenida do Contorno (Figura 05).



Figura 05 - O bairro de Lourdes em 1940. A esquerda o Córrego do Leitão. Fonte: APCBH.

Na Figura 06 pode-se ver parte da Planta feita em 1931, na qual está presente a representação, mesmo que virtual da projetada Cidade Universitária que iria ocupar parte da vertente do Córrego, abaixo da Avenida do Contorno. Na administração JK resolveu construí-la nas proximidades da Pampulha e a área reservada para a sua construção foi loteada e requalificada visando atender aos interesses do Poder Público de ali edificar um bairro destinado às classes mais abastadas da capital.



Figura 06 - Área reservada para a construção do Campus Universitário onde hoje se localizam parte dos bairros de Lourdes e Santo Agostinho. Fonte: PANORAMA, 1997.

A Cidade Jardim, criada em 1943 visava atender aos interesses da administração, ou seja, ser um bairro ocupado pelas classes mais altas. Além da construção do bairro, que modificou toda a fisionomia da margem esquerda do Leitão ainda foi construído aí algumas instituições de ensino em terrenos doados pelo governo e também as Faculdades de Farmácia e Odontologia.

Nota-se que a partir dessa década é que se iniciam a ocupação em larga escala da vertente esquerda do Córrego. E é na década de 40 que se inicia de fato a ocupação sistemática do vale, incentivada também pela regularização das ruas Conde de Linhares e Irai. Essas vias facilitaram o acesso ao bairro Coração de Jesus, originado da ex colônia agrícola iniciando-se o loteamento na região, como se verifica na parte superior da imagem abaixo (Figura 07).



Figura 07 - Foto aérea de 1953 na qual se destacam as áreas atualmente ocupadas pelos bairros Santo Antonio, Coração de Jesus, Cidade Jardim e pelo Morro do Papagaio, este a esquerda na imagem, paralela a antiga BR-3. Escala aproximada 1:15000. Fonte: PANORAMA, 1997.

IV - A CONSOLIDAÇÃO URBANA NO VALE

A mudança espacial no vale passou a ser mais clara a partir de 1950. Data dessa época o início da verticalização mais intensa ocorrida na capital, porém no vale do Leitão já existiam alguns prédios, mais precisamente no Barro Preto e arredores da Praça Raul Soares.

Nessa década é que se dá a ocupação de parte do vale pelas Vilas e Favelas, originadas pela expulsão dos moradores da Favela da Barroca, a qual se localizava na área onde atualmente está a Assembléia Legislativa.

As Favelas formadas foram a Favela do Querosene, ainda existente entre os bairros Cidade Jardim e Luxemburgo, a Favela da Alvorada, desaparecida no início dos anos 70 com a abertura da Avenida Prudente de Moraes e o Morro do Papagaio, com a ocupação iniciada nas partes mais altas da montanha e que gradativamente foi se adensando ao longo dos anos, persistindo até os dias atuais.

O crescimento acelerado que se verifica a partir dos anos 50 não permitiu que os serviços de infraestrutura o acompanhassem. Então, os cursos d'água tornaram-se redes de esgotos, pois os emissários

existentes não suportavam o volume e, além disso, sofriam com o lixo que assoreavam o seu leito. Diante do colapso iminente no início dos anos 60 toma-se a decisão de fechar os cursos d'água que atravessavam a região central, eliminando assim o mau cheiro, o risco de doenças e principalmente as inundações que já faziam parte do cotidiano do belo-horizontino no período das chuvas. O fechamento dos córregos também visava melhorar o tráfego na capital que havia aumentado consideravelmente a partir de 1960 e ainda, visava o embelezamento da cidade, pois havia um movimento para que Belo Horizonte voltasse a ter o título de “Cidade Jardim”, abalada desde o corte das árvores da Avenida Afonso Pena em 1961.

O Córrego do Leitão, canalizado na área central desde o final dos anos 20, nessa época (Década de 60) havia se tornado um curso d'água extremamente poluído devido ao aumento populacional dentro de sua Bacia. Por isso, no final dos anos 60 tem-se o início do fechamento do seu curso d'água na região central e no bairro de Lourdes. Paralelamente ao fechamento teve início em Julho de 1970 a canalização e fechamento do Leitão na zona suburbana para a abertura da Avenida Prudente de Moraes (Figuras 08 e 09). Essa obra visava melhorar o fluxo viário na região que expandia a largos passos além de erradicar da paisagem o curso d'água que havia se transformado em um esgoto a céu aberto, pois o aumento da ocupação das vertentes do córrego nas proximidades de suas cabeceiras desencadeou o lento processo de assoreamento que, nos períodos de chuva enlameava diversas ruas ao longo do seu curso.



Figura 08 - Obras de canalização do Leitão na Avenida Prudente de Moraes em 1970. Ao fundo o Conjunto IAPB e uma cafuná que integrava a Favela da Alvorada. Fonte: APCBH/ASCOM.



Figura 09 - Canalização do Leitão na Avenida Prudente de Moraes.
Ao fundo parte dos bairros Luxemburgo e Coração de Jesus.
Fonte: APCBH/ASCOM.

Com a canalização a Favela da Alvorada, que existia ao longo do Córrego foi extinta e seus moradores foram habitar o Morro do Papagaio que tem a sua consolidação no espaço urbano como um grande aglomerado nessa década. A finalização da Barragem Santa Lucia, construída para controlar as enchentes do Córrego do Leitão também se deu nessa década. As benfeitorias realizadas pelo Poder Publico na região contribuíram em larga escala para a acelerada expansão urbana que teve inicio nessa década e que perdura ate os dias atuais.

Atualmente os bairros pertencentes à bacia do córrego do Leitão na zona sul de Belo Horizonte passam por um processo de acentuada verticalização. Esse processo na verdade teve inicio há quase trinta anos, porém há cerca de cinco anos ele tem se acentuado, fato corroborado pelo aumento de demolições das casas residenciais que existem, principalmente nos bairros de Santo Antonio, Luxemburgo e Vila Paris. Daí pode-se concluir que está se passando por uma nova remodelação do espaço com o aumento da verticalização e o conseqüente adensamento populacional.

A análise das Plantas Cadastrais e das Imagens de Satélite permite compreender e analisar como se deu o processo de ocupação do Vale ao longo das décadas. A remodelação do espaço, desde o rural do final do Século XIX, a sua persistência ao longo das três primeiras décadas do Século XX devido a prioridade de

expansão urbana do Poder Público para os eixos norte e oeste contribuíram para a ocupação tardia das vertentes do Leitão, situação que se modifica de fato a partir de 1940 sendo ocupada em grande parte pelas camadas mais abastadas da população. Nas décadas seguintes, o “boom” populacional e o crescimento desordenado de Belo Horizonte acaba por urbanizar grande parte das regiões pouco adensadas e, a partir dos anos 1970 com a completa canalização do Córrego do Leitão é que temos a configuração paisagística atual, originária de todo esse processo (Figura 10).

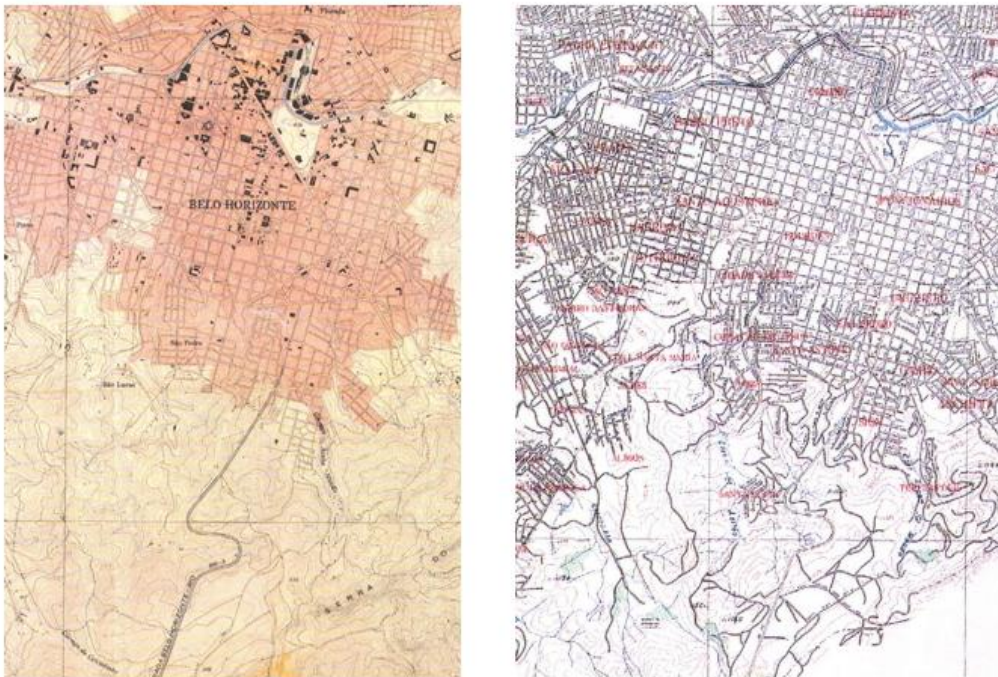


Figura 10 - Parte das Plantas de Belo Horizonte datadas de 1963 e 1970, respectivamente. Escala 1:30000. Fonte: PANORAMA, 1997.

A análise das Plantas confeccionadas pela CCNC permitem identificar a posição aproximada das benfeitorias e dos cultivos que existiram nas Fazendas Capão e Leitão, inseridas na bacia do Córrego do Leitão. A Fazenda do Leitão, como se sabe, é considerada a única construção remanescente da Freguesia do Curral del Rey. Ao analisar-se a Planta Geodésica feita em 1895 pela CCNC e confrontá-la com algumas Plantas cadastrais mais recentes, além das Imagens Aéreas conclui-se que a “Fazendinha”, construção existente no Morro do Papagaio e atualmente às margens da Barragem Santa Lucia também é contemporânea do arraial, salvo algumas modificações no que diz respeito à sua arquitetura. Essa análise só pôde ser realizada devido às características do relevo em uma parte das cabeceiras do Córrego ainda apresentar poucas modificações, ao contrário da margem esquerda que se encontra completamente modificada das suas características originais.

A evolução da paisagem no Vale é marcante ao longo dos quase 110 anos de sua ocupação, do rural com um baixíssimo adensamento, ao urbano completamente adensado e extremamente verticalizado. Finalmente, como o Vale se encontra totalmente urbanizado e impermeabilizado, para que se possa identificar o atual traçado do córrego atualmente se faz necessária a utilização de Plantas Cadastrais e de Mapas (Figura 11).

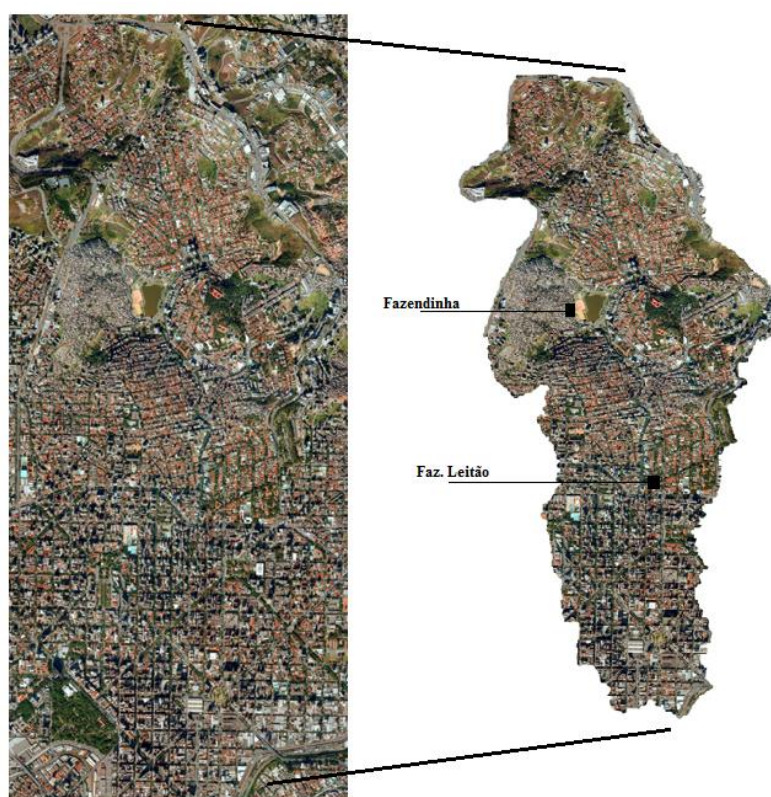


Figura 11 - Imagem de Satélite do ano de 2008 onde se vê o Vale do Córrego do Leitão completamente adensado. No corte a direita vemos sinalizadas as duas construções remanescentes do Século XIX presentes no Vale do Leitão. Fonte: Google Earth.

V - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acervos Documentais

APCBH - ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE. Acervo Comissão Construtora da Nova Capital.

APM - ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo Olegário Maciel.

MHAB - MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO

Livros, teses, fontes digitais e impressas

AGUIAR, T.F.R. de. *Vastos Subúrbios da Nova Capital: formação do espaço urbano na primeira periferia de Belo Horizonte*, (Doutorado em História), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte (2006).

BARRETO, Abílio. *Belo Horizonte, memória histórica e descritiva; história média*. v.2. Belo Horizonte: FJP/ Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. *Mensagem apresentada pelo prefeito Chistiano Monteiro Machado ao Conselho Deliberativo de Bello Horizonte em 6 de outubro de 1927 e relatórios anexos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1927.

BORSAGLI, A. *Os anos 1940: uma Moderna Metrópole no Horizonte*. Em: < <http://www.curraldelrey.com/> >. Acesso em: 05 Janeiro 2011.

CORREA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. São Paulo: Editora Ática, 4ª edição.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO/Centro de Estudos Históricos e Culturais, *Panorama de Belo Horizonte; Atlas Histórico*, Belo Horizonte, 1997.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO/Centro de Estudos Históricos e Culturais, *Saneamento Básico de Belo Horizonte: trajetória em 100 anos - os serviços de água e esgoto*, Belo Horizonte, 1997.

GOMES, M.C.A. *O mapeamento cadastral do Curral Del Rei: arqueologia de um assentamento urbano de origem colonial*. In: III SIMPÓSIO LUSO-BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA, 2009, Ouro Preto. Anais... Universidade Federal de Minas Gerais, 2009. 1 CD.

LE VEN, Michel Marie. *As classes sociais e o poder político na formação espacial de Belo Horizonte - 1893/1914*. (Mestrado em Ciência Política), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1977.